



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

MERIDIANO 47



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais

N^{os} 40/41

Novembro – Dezembro – 2003

- 2** Yang Liwei e a Nave Divina da Cooperação Cultural na Ásia-Pacífico
Paulo Antônio Pereira Pinto
- 4** A ampliação da União Européia: oportunidades de comércio e negócios para o Brasil
João Augusto Baptista
- 6** O primeiro ano da política externa do governo Lula: renovação na continuidade?
Antônio Carlos Lessa
- 8** Os EUA e o Irã: A Última Fronteira?
Cristina Soreanu Pecequilo
- 13** O Fim de uma Era? O Iraque Pós-Hussein
Cristina Soreanu Pecequilo
- 17** Irlanda do Norte: impasse para o governo Blair
Virgílio Caixeta Arraes
- 19** No se me va a doblar la mano
Carlos Eduardo Vidigal
- 21** Otimismo real ou vitória de Pirro: a situação da ocupação iraquiana
Virgílio Caixeta Arraes
- 23** Lula na África II: o safári do Presidente e a imprensa brasileira
Wolfgang Döpcke

Otimismo real ou vitória de Pirro: a situação da ocupação iraquiana

Virgílio Caixeta Arraes*

“We’ve considerably pushed back the numbers of engagements against coalition forces (...) We’ve been hitting back pretty hard. We’ve forced them to slow down the pace of their operations (...) Well, I guess what we need to do is go back to the laws of war and the Geneva Convention and all of those issues that define when a structure ceases to be what it is claimed to be and becomes a military target (...) We’ve got to remember that we’re in a low-intensity conflict where the laws of war still apply”¹.

A captura de Saddam Hussein, há alguns dias, por tropas americanas parece simbolizar o almejado rumo ao estado de normalidade esperado pelos Estados Unidos no Iraque, desde a decretação do fim da primeira fase, proclamada pelo Presidente Bush, no dia 1º de maio. Deste modo, somar-se-iam à prisão do antigo ditador a diminuição expressiva dos ataques diários às tropas da aliança anglo-americana, a reação mais contundente às abordagens inimigas e a própria viagem do Presidente americano ao Iraque. O conjunto dos eventos, portanto, sinalizaria o abrandamento da situação, ocasionando otimismo à desgastada operação de deposição do Partido Baath, visto que a procura por armas de destruição em massa torna-se cada vez mais apenas peça de retórica para justificar a guerra perante a opinião pública mundial. Todavia, uma análise mais detida demonstra que a situação não está de forma alguma estabilizada.

A forma como foi efetuada a prisão do antigo déspota iraquiano revela que a resistência iraquiana, ou ao menos a sunita, realiza-se sem sua inspiração ou comando direto, visto que, em torno de si, não havia homens de suas antigas tropas de confiança – fedaim ou combatentes da Guarda Republicana. Hussein entregou-se sem resistência e demonstrava abatimento, consoante as fotos divulgadas.

Sua detenção sela definitivamente a necessidade entre os sunitas e também entre os baathistas de encontrar novas lideranças, que seriam forjadas ou aceitas, provavelmente, em face de sua capacidade

de resistir à ocupação. Além disso, em função dos expurgos praticados internamente em decorrência dos efeitos políticos da Revolução Iraniana, em 1979, e da Guerra Irã-Iraque, ao longo dos 80, lideranças sunitas temem sofrer discriminação semelhante, se uma teocracia instalar-se no país pela maioria xiita, de forma que a insurgência deve continuar como sobrevivência política.

Com vistas aos xiitas, cessou o temor de uma remota volta do ditador ao poder, o que pode reforçar a vontade de estabelecer um regime teocrático, ao estilo iraniano, dado que constituem a maioria da população, indo, naturalmente, de encontro ao plano inicial americano de um governo de composição, que refletisse todos os segmentos do país, inclusive o dos exilados. Destaque-se que os ataques a tropas ou a civis da aliança não decorrem apenas dos sunitas. Com o anúncio da possível saída dos Estados Unidos no meio de 2004, é possível que todos os grupos de expressão política ou religiosa preparem-se para assumir o poder à força, sem consideração à forma democrática, tão propalada pela aliança como necessária à região do Oriente Médio;

Em relação à diminuição dos ataques diários a tropas, o General Ricardo Sanchez, Comandante-Chefe da ocupação, afirmou que houve redução expressiva – de quase 50 para pouco mais de 20. Todavia, se a ação contra alvos militares reduziu-se efetivamente, houve o seu deslocamento parcial para civis: sete agentes espanhóis, dois diplomatas

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB).

¹ GeneralRicardoSanchez.In:<http://www.nytimes.com/2003/12/07/international/middleeast/07TACT.html?pagewanted=2&hp>

japoneses e três trabalhadores (um colombiano e dois coreanos). No entanto, novembro foi o mês mais sangrento para as tropas: mais de 100 mortos da coligação, dos quais 80% norte-americanos. A queda do número de ataques refere-se apenas a contingentes americanos;

A reação militar mais intensa às abordagens, especialmente com vistas à de Samara. Não há clareza sobre o que realmente teria acontecido lá. Uma das táticas utilizadas pelos insurgentes é confrontar tropas anglo-americanas em vias urbanas, de forma que a possibilidade de baixas civis, em decorrência da rápida necessidade de reação dos ocupantes e do porte dos seus armamentos empregados, é extremamente alta. Com isso, naturalmente, a população sente-se cada vez mais atemorizada pela presença das tropas, seja no patrulhamento cotidiano, seja em deslocamentos.

O governo americano declarou que a meia centena de mortes teria sido de insurgentes ligados a Sadam Hussein – os fedaim, que, confiantemente, estariam com seus antigos uniformes, ao empreender a emboscada. Ante a intensidade do combate, não houve registro por parte do governo americano de civis mortos ou feridos. Se as tropas garantiam a segurança de um carregamento de dinheiro para bancos iraquianos, há a possibilidade de terem sido criminosos comuns, que tentaram valer-se dos mesmos métodos dos insurretos para o assalto. Do outro lado, os americanos reagiram conforme treinados, ou seja, como soldados e não como policiais ou vigilantes de bancos. Mas há versões de que teriam sido oito mortos ‘apenas’, incluindo civis. Tal acontecimento levanta um ponto menosprezado geralmente pelos meios de comunicação: a precária segurança dos civis em meio aos confrontos entre ocupantes e insurretos²;

Viagem a Bagdá: duas visitas significativas à capital iraquiana na semana do Dia de Ação de Graças. Uma do Presidente Bush; a outra da Senadora Hillary Clinton³. Anteriormente, o Presidente Johnson havia visitado um teatro de guerra, o Vietnã, e mesmo durante a II Guerra, o Presidente Roosevelt encontrou-se com o Primeiro-Ministro Churchill, no Canadá

(1941). A ida de Bush a Bagdá seria o símbolo da gradativa normalidade da vida civil no Iraque. Todavia, a viagem foi cercada de mistério – oficialmente, o Presidente estava no Texas – e durou cerca de duas horas. Certamente, em seus deslocamentos, o Presidente deve cercar-se de todos os cuidados, mas não houve sequer contato com civis iraquianos, porque o séqüito presidencial não se deslocou das instalações militares.

Paralelo a isso, no início do mês, o Ministro das Relações Exteriores dos Estados Unidos, Collin Powell, incursionou tanto na ONU como na OTAN para solicitar mais apoio à presença estrangeira no Iraque. Para a França e a Alemanha, só haveria o envio de tropas sob chancela da ONU, o que significaria compartilhar também o acesso aos vultosos contratos de reconstrução da infra-estrutura e exploração do petróleo. Dentro da OTAN, alega-se que a presença no Afeganistão com alguns milhares de combatentes já compromete muito os recursos da organização. Ademais, solicita-se a revisão da dívida externa do Iraque com França, Alemanha e Rússia principalmente.

Desta forma, o desfecho da ocupação do Iraque caminha para o oposto ao pretendido pelos neoconservadores no período que precedeu a invasão: os Estados Unidos necessitam externamente do apoio da ‘velha Europa’ – expressão do Ministro Rumsfeld para menosprezar o seu peso político –, encabeçada por França e Alemanha, e mesmo da tibia ONU, que prontamente corroborou a presença da aliança ao instalar-se no Iraque, a pretexto de auxílio humanitário.

No Iraque, a força política dos xiitas torna-se cada vez mais visível, inclusive com a exigência de eleições diretas para a escolha do governo, o que lhes propiciaria o comando governamental. A intenção da aliança anglo-americana era transformar o Iraque em uma democracia secular para tornar-se o contrapeso da Arábia Saudita absolutista e teocrática. No entanto, involuntariamente, a aliança parece gerar ali uma nova teocracia, contribuindo ainda mais para a instabilidade política e econômica da região, que é detentora das maiores reservas petrolíferas do mundo.

² <http://famulus.msnbc.com/FamulusIntl/reuters12-03-092037.asp?reg=MIDEAST>

³ <http://clinton.senate.gov/~clinton/news/2003/2003C01341.html>